



Por uma história da psicologia histórica

For a history of the historical psychology

Maria Fernanda Costa Waeny

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Brasil

Resumo

Psicologia histórica é um termo estreitamente relacionado aos historiadores dos Annales, onde muitas vezes foi comparado a outras denominações. Este artigo recupera aspectos históricos do termo psicologia histórica no ambiente dos Annales; em seguida apresenta as primeiras menções à psicologia histórica de que se tem conhecimento até o momento, mostrando que desde 1833 o termo tem sido ininterruptamente mencionado por vários autores e de diferentes maneiras; o uso do termo por autores como Quevedo y Zubieta, Circé-Côté, Sforza, Fletcher, Van den Berg, Barbu, Schneider, Pelckmans, por sua vez, demonstra que seu uso ultrapassa o ambiente dos Annales e que a história da psicologia histórica não se restringe ao ambiente francês. Isto tem ocorrido porque historiadores, historiadores da psicologia e pesquisadores da psicologia histórica de Ignace Meyerson não consideraram a própria historicidade da psicologia histórica em suas pesquisas.

Palavras-chave: história da psicologia; Annales; Ignace Meyerson; historiografia

Abstract:

Historical psychology is a term closely linked to the historians of Annales, where it was frequently compared to other names. This article retrieves historical aspects of the term historical psychology in the environment of Annales; after that it presents the first references to historical psychology which are known so far, showing that since 1833 the term has been continuously mentioned by several authors and in different ways; the use of the term by authors like Quevedo y Zubieta, Circé-Côté, Sforza, Fletcher, Van den Berg, Barbu, Schneider, Pelckmans, in turn demonstrates that their use goes beyond the Annales environment and that the history of historical psychology is not restricted to French environment. This has occurred because historians, historians of psychology and researchers of Ignace Meyerson's historical psychology did not consider the own historicity of the historical psychology in their researches.

Keywords: history of psychology; Annales; Ignace Meyerson; historiography

Psicologia histórica: pioneiro e desenvolvimentos

O pioneirismo no uso do termo psicologia histórica tem sido atribuído a Henri Berr (1863-1954); ele a mencionou na tese, *L'Avenir de la philosophie*, de 1899. Disse ele

O espírito é o produto da história. A história é a concreção do pensamento. Psicologia da humanidade, psicologia dos povos, psicologia biográfica: ensaios diversos se multiplicam. E todas estas concepções aspiram a se fundir, absorvendo a erudição. Há uma psicologia histórica que se elabora, sem ter encontrado sua forma definitiva (citado por Chalus, 1961, p. ix).

No ano seguinte Berr fundaria a *Revista de síntese histórica*, com uma seção dedicada a “artigos de fundo [composto por] (teoria da história e psicologia histórica)” (*Revue de Synthèse*, 1900). Sua proposta, porém, se inscreve no projeto maior de uma síntese histórica, ou seja, na “unificação da ciência a partir da definição de uma metodologia integradora fundada sobre a história” (Gemelli, 1987, p. 228). Berr, no entanto, não definiu claramente a posição da psicologia histórica em seu projeto: além de usar termos como psicologia dos historiadores (Berr, 1921), historiador psicólogo (Berr, 1939), psicologia coletiva ou psicanálise (Berr, 1949), psicologia genética (Berr, 1953), qualificou a iniciativa do psicólogo Ignace Meyerson como “um tipo de síntese na Síntese” (Berr, 1953, p. 291).

As ideias de Berr ecoaram nos jovens Marc Bloch e Lucien Febvre, fazendo deles e do *Annales* seus legítimos herdeiros; de quem herdaram, também, o interesse pela psicologia e a indefinição terminológica: Bloch, por exemplo, em um único livro (Bloch, 1982) utilizou os termos maneiras de sentir e de pensar (p. 94), mentalidade (p. 104), memória coletiva (p. 111), e posteriormente usou psicologia coletiva (Bloch, 1948); Febvre, de sua parte, utilizou aparelhagem mental, (Febvre, 1978, p. 55), psicologia histórica (Febvre, 2004, p. 37). Quanto ao interesse pela psicologia, Berr se referiu a ela de modo geral, já Bloch e Febvre se apoiaram em autores da psicologia e da sociologia, a exemplo de Charles Blondel e Maurice Halbwachs (Burke, 1991, pp. 27-28), e Henri Wallon (Febvre, 1985).

Outros integrantes dos *Annales* também foram vinculados à psicologia histórica; Burke (1991), por exemplo, menciona Henri Bremond (p. 28), Jean Delumeau (p. 84), avisou que o livro de Robert Mandrou (1961) foi baseado em notas deixadas por Febvre (p. 84) e estranhou que Vernant preste “homenagem não a Febvre, mas ao psicólogo I. Meyerson” (p. 114). É necessário alertar, porém, que Mandrou, originalmente, não é um autor em psicologia histórica, mas o compilador das ideias de Febvre; que Vernant foi discípulo de Meyerson, e inclusive subintitulou seu livro por psicologia histórica (Vernant, 1965a); que Bremond e Delumeau nada publicaram sobre psicologia histórica; ou ainda Dosse (1994, pp. 124-126), que cita Charles Morazé como historiador dos *Annales*, mas não menciona que ele nomeava seus cursos por psicologia histórica (Morazé, 1971-1972 e 1977-1978).

O interesse pela psicologia no ambiente dos historiadores franceses não é recente; Berr (1911/1946), por exemplo, igualou as duas áreas alegando que ambas teriam curiosidade pelo humano e uma “inteligente simpatia para o diferente, o mutável e o complexo da vida” (p. 210); Febvre (1985a) sugeriu que psicologia e história deveriam “manter relações contínuas” (p. 205); Dumoulin (1993) afirmou que Berr fazia “da história a ciência das ciências que progridem graças à psicologia histórica” (p. 94); para Vernant (1965) a incontestável aproximação era evidente devido à recente publicação de três novos títulos em psicologia histórica (Barbu, 1960; Mandrou, 1961; Van den Berg, 1965); nessa mesma ocasião Vernant aproveitou para expressar seu espanto diante da ausência de referências destes autores a Meyerson; disse Vernant (1965)

Assim, no espaço de dois anos, um psicólogo, um psiquiatra, um historiador, sem se conhecer e independentemente uns dos outros, colocam igualmente sua obra sob o signo de uma psicologia histórica. É preciso lembrar que funciona na Escola de Altos Estudos um centro de Pesquisas de Psicologia Comparativa e histórica, criado e animado por nosso colega, o psicólogo Ignace Meyerson? (pp. 85-86)

Com razão Vernant defendeu a anterioridade da proposta meyersoniana: já em 1941 Meyerson criou a Sociedade de Estudos Psicológicos de Toulouse; em 1948 defendeu a tese, *As funções psicológicas e as obras*, sistematizando sua proposta; em 1951 iniciou os cursos de psicologia comparativa na Escola de Altos Estudos e em 1953 inaugurou o Centro de Pesquisas em Psicologia Comparativa, mantendo estas e outras atividades relacionadas à psicologia histórica até 1983. A advertência de Vernant, portanto, adquire importância porque refere títulos posteriores à tese de Meyerson e acrescenta novos autores ampliando, assim, o leque de menções à psicologia histórica para além do ambiente dos Annales.

O destino da psicologia histórica, porém, além de incerto parece desanimador: para Dosse (1994, p. 85), por exemplo, ela logo saiu de moda; Burke (1991, p. 132) anunciou que ela perdeu a disputa para o termo mentalidades; e Vernant (1965), de certo modo, identificou o isolamento que a tem caracterizado. Tudo leva a crer, portanto, que a indefinição conceitual, o recurso a termos similares e a dispersão dos autores tem contribuído para a permanência da psicologia histórica na obscuridade.

A base sobre a qual estão assentadas as origens da psicologia histórica está incompleta. Isto porque a primeira menção até agora localizada antecede em mais de sessenta anos o surgimento comumente aceito, transferindo assim o pioneirismo de Berr, e sua tese de 1899, para Ballanche (1833). O texto em questão é um verbete sobre a alma, no qual Ballanche (1833) alega que não vai expor os diversos sistemas de conhecimentos já produzidos “sobre a natureza e a diferença das almas, sobre a união da alma e do corpo: isto seria uma psicologia histórica, comparada” (p. 334). Desta forma, a menção de Ballanche à psicologia histórica destaca a anterioridade no uso do termo e permite retracar o percurso desta denominação.

O percurso da psicologia histórica

A primeira menção à psicologia histórica de que se tem conhecimento, portanto, foi localizada na *Encyclopédie de connaissances utiles*, de 1833 (Ballanche, 1833). Depois, tudo indica que psicologia histórica passou a ser mencionada em livros; entre as primeiras menções pode-se citar, por exemplo, Vinet (1853), Garnier (1865), Littré (1876 e 1877), Galvão Bueno (1877), Richet (1884), Ribot (1894), Brayce y Cotes (1899), Gourmont (1900), Barzellotti (1900), Renan (1910). Menções em publicações seriadas apareceram em 1860, na *Revue contemporaine*, e depois no *Journal de médecine mentale* (1870), *Revue philosophique de la France et de l'étranger* (1879), *Revue historique* (1893), *Revue de métaphysique et morale* (1898), entre outros

periódicos. Por fim surgiram os títulos em psicologia histórica, a exemplo de Gebhart (1896), Rocafort (1896), Prouteaux (1900), Quevedo y Zubieta (1909), entre outros títulos.

A preferência dos exemplos acima citados recai sobre as primeiras menções, mas é certo que citações à psicologia histórica não deixaram de ocorrer ao longo do tempo: há menções em textos que cobrem o período que vai de Vinet (1853) a Hartog (2007), da *Revue contemporaine* (1860) à *Revue de synthèse* (1997), de Gebhart (1896) a Pelckmans (1986). Além do mais, títulos como os de Cochet (1917), Berr (1919), Circé-Côté (1924), Bertrand (1924), Fletcher (1930) e Sforza (1936) confirmam que a presença da psicologia histórica não ocorreu em apenas determinado período de tempo e nem em determinado local.

Para avaliar e compreender o uso recorrente do termo, no entanto, é necessário identificar as diversas significações atribuídas à psicologia histórica ao longo de seu percurso. Já desde as primeiras menções é possível observar a diversidade conceitual e temática do termo psicologia histórica:

Segundo Vinet (1853), “de todas as leis naturais, as da história sem dúvida são as mais difíceis a determinar. Ao tentar pode-se obter um tipo de psicologia histórica, uma ciência dos fenômenos da alma social” (p. 353).

No livro de Garnier (1865) o editor, Paul Janet, propõe substituir a psicologia subjetiva por uma “psicologia histórica e geográfica fundada sobre a observação das raças, dos povos, das diversas classes da sociedade” (p. XVIII).

Galvão Bueno (1877) dedica duzentas e vinte páginas à psicologia, classificando-a “em psicologia experimental ou histórica e psicologia racional ou especulativa” (citado por Massimi, 1990, pp. 32-33).

Richet (1884) afirma que os testemunhos de posse demoníaca, magia e feitiçaria são relatos sobre “o estado do espírito humano na idade média” (p. 299), e diz: “Isto não é totalmente história e nem é totalmente psicologia: é psicologia histórica” (p. 299).

Para Ribot (1894) os romanos, “malgrado suas tradições latinas, seu funcionamento imperial, seus hábitos importados do Oriente (...) e seu estreito cristianismo, ainda é grego no fundo. Há aí um curioso estudo de psicologia histórica” (p. 124).

Para Brayce y Cotes (1899), “a psicologia histórica tende para a concepção do organismo social a serviço da coletividade” (p. 12).

Para Gourmont (1900) psicologia histórica seria um estudo sobre “qual grau de dissociação se encontram, no decorrer dos séculos, certo número de verdades que pensadores qualificaram como primordiais” (p. 88).

Em Barzellotti (1900) psicologia histórica é mencionada como sendo a “pedra de toque do método de Taine” (p. 59); como lei que transcende os vocábulos classicismo e romantismo, considerando-os como “duas faces, duas atitudes do espírito humano, duas maneiras originalmente distintas, nas quais a natureza [humana] se dispõe a conceber, a sentir as coisas, a vida e a arte” (p. 168).

Para Quevedo y Zubieta (1909), se a associação dos termos é nova, “o conceito que expressa é tão velho como a própria história” (citado por Preciado, 2003, p. 11); afirma também que o autor que consegue expressar a consonância entre determinada situação e “um caráter, uma alma...[faz um] verdadeiro trabalho de psicólogo. Esses autores sem o saber faziam psicologia histórica” (citado por Preciado, 2003, p. 11).

Renan (1910) pondera que o segundo volume do *Cosmos* de Humboldt, no qual a “[história de um sentimento de humanidade perseguido em todas as raças e através de todos os séculos, em suas variedades e suas nuances], pode ser considerado como um tipo dessa psicologia histórica” (pp. 175-176).

As diferenças nos trechos acima são expressivas: Vinet sugere que psicologia histórica seria a ciência das leis de funcionamento social; Paul Janet propôs a substituição de uma psicologia subjetiva por uma outra fundada na observação de características da sociedade; Galvão Bueno a estabelece como uma das divisões da psicologia; para Richet é o estudo dos estados de espírito; em Ribot parece ser o que há de mais comum, irredutível, em determinado povo; para Brayce y Cotes ela estaria a serviço de um social e/ou coletivo; para Gourmont ela serviria para questionar o caráter histórico de verdades consideradas universais; Barzellotti, mesmo sem citar Taine diretamente, menciona que para este autor ela seria um método e também uma lei; em Quevedo y Zubieta ela seria o retrato do caráter de um povo; para Renan seria a somatória dos diversos sentimentos de humanidade.

É possível organizar a diversidade conceitual e a abrangência temporal do termo psicologia histórica em duas categorias: a primeira se refere à concentração de títulos em dois períodos distintos; a segunda propõe uma classificação preliminar das menções à psicologia histórica nos trechos e títulos aqui referidos.

A publicação de títulos em psicologia histórica se concentra nos períodos 1896-1909 e 1947-1965. O primeiro grupo de publicações (1896-1909) pertence ao contexto de fins do século XIX, que de modo geral tende a explicar os fenômenos e suas conexões, o funcionamento e desenvolvimento do homem e da sociedade, como evolução contínua do espírito humano, a história mostrando os níveis de graus do espírito e a organização social representando os degraus já galgados rumo à civilização; é este o motivo para o uso de termos como alma social (Vinet), caráter de um povo (Quevedo y Zubieta), observação das raças (Garnier), organismo social (Brayce y Cotes), estados do espírito humano (Richet, Barzellotti), e noções que sugerem a permanência de aspectos do homem através dos tempos (Ribot, Renan). O segundo grupo de publicações (1947-1965) surge justamente no período da crítica ao caráter ideológico da ciência e dos conceitos de Cultura e Civilização; eis o motivo para que, no âmbito da renovação da noção de cultura como produção e compartilhamento de processos simbólicos, o tema privilegiado serão as condições histórico-culturais de surgimento da vida íntima e do inconsciente (Van den Berg), da sensibilidade (Mandrou), das funções psicológicas (Meyerson), do pensamento racional na Grécia (Vernant).

É possível que a concentração de títulos em psicologia histórica tenha ocorrido porque ela serviu de recurso para explicar as mudanças paradigmáticas desses dois períodos, pois esses dois intervalos de tempo correspondem ao que Delacampagne (1997) definiu por crise da noção clássica de representação (1880-1914) e desilusão do pós-guerra (após 1950), denominando-os, respectivamente, “nascimento da modernidade” (pp. 11-20) e “a razão em questão” (após 1950) (pp. 233-284).

Quanto à segunda categoria, uma classificação das menções à psicologia histórica permite agrupar as menções em torno de, por exemplo, teses (Brayce y Cotes, 1899; Meyerson, 1948), ementas (Morazé, 1971-1972 e 1977-1978) e cursos (Meyerson, 2000); aproximação à psicologia social/coletiva (Quevedo y Zubietá, 1909; Schneider, 1978; Preciado, 2003; Bloch, 1948); relações entre história e psicologia (Quevedo y Zubietá, 1909; Vernant, 1965; Febvre, 1985a); estudos sobre a arte (Vinet, 1877; Littré, 1877); estudos sobre a psicologia e/ou fisiologia (Richet, 1884; Ribot, 1894; Garnier, 1865; Galvão Bueno, 1877).

Esta classificação, ainda que preliminar, demonstra que menções à psicologia histórica podem ser agrupadas e que as categorias, por sua vez, tanto contribuem para a compreensão das relações entre história e psicologia, entre psicologia e fisiologia, como podem dar visibilidade a novas perspectivas de análise tal como a aproximação entre psicologia histórica e psicologia social/coletiva.

A concentração de títulos em dois períodos específicos e a classificação das menções demonstram que é possível agrupar as diferentes significações atribuídas à psicologia histórica ao longo de seu percurso e começar a compreender aspectos da história desse termo; os dados e a análise apresentados, porém, vale lembrar, são elementos para uma história da psicologia histórica.

Consideração final

O objetivo primordial deste artigo é mostrar a recorrência do termo psicologia histórica ao longo do tempo e delinear alguns dos aspectos que a mantiveram relegada. Ela foi mesmo muito mencionada pelos historiadores dos Annales, por isso comentadores e historiógrafos da nova história a citam com frequência; Burke e Dosse, dois reconhecidos historiógrafos dos Annales, exemplificam as apreciações acerca da psicologia histórica, mas a extensa bibliografia sobre esse tema, porém, dificulta qualquer aprofundamento no presente artigo. Além do mais, viu-se que a presença da psicologia histórica no ambiente dos Annales é apenas parte da história dessa denominação.

A maioria dos textos que abordam a psicologia histórica, não sem razão, menciona apenas a proposta meyersoniana. Ignace Meyerson foi realmente o principal sistematizador, mesmo sem se restringir ao termo psicologia histórica: a tese *Les fonctions psychologiques et les œuvres* (Meyerson, 1948), por exemplo, não menciona o termo no título; o centro de

pesquisas que ele fundou, em 1953, foi nomeado por psicologia comparativa; o curso de 1975-1976, à Escola de Altos Estudos, acrescenta os termos objetiva e comparativa (Meyerson, 2000). Por outro lado, a argúcia e abrangência temática lhe garantem lugar de destaque na história da psicologia histórica: para Meyerson, por exemplo, a crença no caráter imutável das funções e das categorias do espírito “é um fato psicológico importante que não deve ser negligenciado” (Meyerson, 1948, p. 120); a história das funções psicológicas se enquadra no âmbito de “uma modificação mental, uma invenção nos domínios da memória e do tempo” (Meyerson apud Leroy, 1986, pp. 99-100); as transformações no uso da cor e sua percepção demonstram que “há uma história humana da percepção, feita de incessantes interações entre o homem e seu meio” (Meyerson, 1957, p. 7); as mudanças radicais no conhecimento científico conduzem à “convicção do inacabamento da pesquisa científica” (Meyerson, 1948, p. 190) e este inacabamento é um princípio próprio ao homem.

A quantidade e variedade de menções ao longo do tempo, a falta de definições claras, o uso de termos similares, os comentários baseados em dados incompletos, o surgimento de títulos em curto período de tempo e a ausência de referência mútua entre os autores são alguns dos fatores que determinaram o desconhecimento que ainda hoje caracterizam a psicologia histórica. Este texto mapeou diversas menções à psicologia histórica ao longo do tempo e propôs uma explicação para o surgimento simultâneo de propostas em curto espaço de tempo, considerando a historicidade do termo psicologia histórica em seus aspectos sincrônico e diacrônico.

Referências

- Ballanche (1833). Âme. Em *Encyclopédie des connaissances utiles* (pp. 333-339). Paris: [s.n].
- Barbu, Z. (1960). *Problems of historical psychology*. London: Routledge & Kegan Paul.
- Barzellotti, G. (1900). *La philosophie de H. Taine*. Paris: Alcan. (Original publicado em 1895).
- Berr, H. (1919). *Le germanisme contre l'esprit français: essai de psychologie historique*. Paris: La renaissance du livre.
- Berr, H. (1921). *L'Histoire traditionnelle et synthèse historique*. Paris: Alcan.
- Berr, H. (1939). *Les Allemagnes, réflexions sur la guerre et la paix (1918-1939)*. Paris: Albin Michel.
- Berr, H. (1946). *A síntese em história. Ensaio crítico e teórico* (J. Abreu Filho, Trad.). São Paulo: Renascença. (Original publicado em 1911).
- Berr, H. (1949). Peut-on expliquer l'Allemagne? Psychanalyse ou psychologie historique. *Revue de Synthèse*, 65, 9-66.

- Berr, H. (1953). *La synthèse en histoire. Son rapport avec la synthèse générale* (Nouvelle édition revue et mise à jour). Paris: Albin Michel.
- Bertrand, L. (1924). *La vie amoureuse de Louis XIV. Essai de psychologie historique*. Paris: l'Illustration.
- Bloch, M. (1948). Les transformations des techniques comme problème de psychologie collective. *Journal de Psychologie Normale et Pathologique*, 1, 104-115.
- Brayce y Cotes, L. N. (1899). *Teoría social orgânica*. Tese de Doutorado. Facultad de Letras y Ciencias Humanas, Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Lima, Peru.
- Burke, P. (1991). *A escola dos Annales 1929-1989. A revolução francesa da historiografia* (N. Odália, Trad.). São Paulo: Unesp. (Original publicado em 1990).
- Chalus, P. (1961). Avant-Propos. Em R. Mandrou. *Introduction à la France moderne: essai de psychologie historique* (pp. IX-XXII). Paris: Albin Michel.
- Circé-Côté, E. (1924). *Papineau, son influence sur la pensée canadienne. Essai de psychologie historique*. Montréal, Canadá: R. A. Regnault et Cie.
- Cochet, M. A. (1917). *L'Âme de Genève, observée par une française. Petit essai de psychologie historique*. Genève-Lyon, França: S.E.
- Delacampagne, C. (1997). *História da filosofia no século XX* (L. Magalhães, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Original publicado em 1995).
- Dosse, F. (1994). *A história em migalhas. Dos Annales à nova história* (D. A. S. Ramos, Trad.). São Paulo: Ensaio. (Original publicado em 1987).
- Dumoulin, O. (1993). Berr, Henri. 1863-1954. Em A. Burguière. *Dicionário de ciências históricas* (H. A. Mesquita, Trad.). (pp. 94-95). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1986).
- Febvre, L. (1978). Os apoios da irreligião: a filosofia?. Em C. G. Mota (Org.), *Febvre. História* (pp. 54-75). (A. Marson, P. S. Oliveira & M. E. Mascarenhas, Trads.). São Paulo: Ática. (Original publicado em 1942).
- Febvre, L. (1985). Henri Wallon e a psicologia aplicada. Em L. Febvre, *Combates pela história* (pp. 199-204). (L. M. Simões & G. Moniz, Trads.). Lisboa: Editorial Presença. (Original publicado em 1953).
- Febvre, L. (1985a). Uma visão de conjunto: história e psicologia. Em L. Febvre, *Combates pela história* (pp. 205-216). (L. M. Simões & G. Moniz, Trads.). Lisboa: Editorial Presença. (Original publicado em 1953).



Febvre, L. (2004). *A Europa: gênese de uma civilização* (I. S. Cohen, Trad.). Bauru, SP: Edusc. (Original publicado em 1999).

Fletcher, J. G. (1930). *The two frontiers: a study in historical psychology. A comparison and critical discussion of the parallel, yet widely divergent, developments of America and Russia.* New York: Coward-McCann, inc.

Galvão Bueno, C. M. (1877). *Noções de philosophia: accommodadas ao sistema de Krause e extrahidas das obras philosophicas de G. Tiberghien e Ahrens.* [S.l.: s.n.].

Garnier, A. (1865). *Traité des facultés de l'âme, comprenant l'histoire des principales théories psychologiques* (Tome 1). Paris: L. Hachette et Cie.

Gebhart, E. (1896). *Moines et papes. Essais de psychologie historique. Un moine de l'an 1000. Sainte Catherine de Sienne. Les Borgia. Le dernier paperoi.* Paris: Hachette.

Gemelli, G. (1987). Communauté intellectuelle et stratégies institutionnelles: Henri Berr et la fondation du Centre International de Synthèse. *Revue de synthèse*, 2, 225-259.

Gourmont, R. (1900). *La culture des idées: du style ou de l'écriture, la création subconsciente, la dissociation des idées.* Paris: Mercure de France.

Hartog, F. (2007). *Vidal-Naquet, historien en personne: l'homme-mémoire et le moment-mémoire.* Paris: Éditions la découverte.

Leroy, Y. (1986). Éléments pour une biographie d'Ignace Meyerson. Le Centre de Recherches de Psychologie Comparative: trente ans de psychologie historique. *Journal de Psychologie Normale et Pathologique*, 1(2), 93-101.

Littré, E. (1876). *Fragments de philosophie positive et de sociologie contemporaine.* Paris: La philosophie positive.

Littré, E. (1877). *Littérature et histoire. Avec une traduction de quelques poésies de Schiller* (2a ed.). Paris: Didier.

Mandrou, R. (1961). *Introduction à la France moderne: 1500-1640. Essai de psychologie historique.* Paris: Albin Michel.

Massimi, M. (1990). *História da psicologia brasileira. Da época colonial até 1934.* São Paulo: EPU.

Meyerson, I. (1948). *Les fonctions psychologiques et les œuvres.* Paris: PUF.

Meyerson, I. (1957). *Problèmes de la couleur. Exposés et discussions du Colloque du Centre de Recherches de Psychologie comparative tenu à Paris les 18, 19, 20 mai 1954.* Paris: SEVPEN.

Meyerson, I. (2000). *Existe-t-il une nature humaine? Psychologie historique, objective, comparative.* Paris: Sanofi-Synthélabo.

- Morazé, C. (1971-1972). Psychologie historique. *Annuaire. Comptes rendus 1971-1972* (pp. 152-155). Paris: École Pratique des Hautes Études.
- Morazé, C. (1977-1978). Psychologie historique. *Annuaire. Comptes rendus 1977-1978* (pp. 147-150). Paris: École Pratique des Hautes Études.
- Pelckmans, P. (1986). *Le rêve apprivoisé: pour une psychologie historique du topo prémonitoire*. Amsterdam: Rodopi.
- Preciado, S. I. R. (2003). Salvador Quevedo y Zubieta y la primera Psicología Social en México (1906-1935): ¿Rigor científico Vs. licencia poética? *Athenea Digital*, 3, 93-108.
- Prouteaux, M. (1900). *Les Origines de la guerre de Vendée. Notes de psychologie historique*. Vannes, França: imp. de Lafolye.
- Quevedo y Zubieta, S. (1909). *El Caudillo: continuación de "Porfirio Diaz". Ensayo de psicología histórica (septiembre 1865-noviembre 1876)*. Paris: Vda. de C. Bouret.
- Renan, E. (1910). *L'avenir de la science*. Paris: Calmann-Lévy.
- Revue de synthèse (1900). *Sur notre programme*, 1, 3. Paris: Cerf.
- Ribot, T. (1894). *L'hérédité psychologique*. Paris: Alcan.
- Richet, C. (1884). *L'homme et l'intelligence: fragments de physiologie et de psychologie*. Paris: F. Alcan.
- Rocafort, J. (1896). *Un type gallo-romain. Paulin de Pella, sa vie, son poème. Essai de psychologie historique*. Paris: A. Picard et fils.
- Schneider, E. (1978). Um ensaio de psicologia histórica: controle social e sentimentos sociais. Em E. Schneider. *Psicologia social: cultura: histórica: política* (pp. 134-179). Rio de Janeiro: Guanabara.
- Sforza, C. C. (1936). *Europe and Europeans: a study in historical psychology and international politics*. Indianapolis: Bobbs-Merrill.
- Van Den Berg, J. H. (1965). *Metabletica. Psicologia histórica* (F. V. D. Water, Trad.). São Paulo: Mestre Jou. (Original publicado em 1956).
- Vernant, J. P. (1965). Histoire et psychologie. *Revue de synthèse*, 37(39), 85-94.
- Vernant, J. P. (1965a). *Mythe et pensée chez les Grecs. Études de psychologie historique*. Paris: Francois Maspero.
- Vinet, A. (1853). *Histoire de la littérature française au dix-huitième siècle*. Paris: les éditeurs.



Nota sobre a autora

Maria Fernanda Costa Waeny é pós-doutorada pelo PEPG em Psicologia Social da PUCSP, onde desenvolveu a pesquisa Psicologia histórica: um estudo crítico, que originou o presente artigo. Contato: fernandawaeny@gmail.com.

Data de recebimento: 10/09/2012

Data de aceite: 26/03/2013